

# EDITORIAL

Neste limiar de milênio existem duas vertentes para a filosofia no Brasil: a filosofia comentarista e a filosofia criativa. Para analisar estas duas vertentes, é bom recordar a etimologia de "filosofia": "amor à sabedoria". A sabedoria primeira, naturalmente, consiste em entender e organizar a nossa vida. E onde nós filósofos brasileiros estamos vivendo? Qual é o nosso "lugar hermenêutico" em que devemos demonstrar nosso "amor à sabedoria"? Certamente, neste continente latino-americano, neste nosso Brasil, nesta nossa região, nesta nossa cidade. Descartes nos aconselha a viver sabiamente. Mas, segundo ele, esta sabedoria nos é ensinada pelos homens mais prudentes e sábios, próximos a nós. Se Descartes tivesse vindo a Pernambuco, o que, como dizem, quase ocorreu por causa de sua proximidade com a Casa de Nassau, provavelmente teria dita: "brasileiros, não é na China, na Rússia, na Europa, nos Estados Unidos que vocês devem buscar o modelo de vossa filosofia, mas aqui mesmo, entre os prudentes e sábios desta terra. Vocês não vivem na Europa, nem nos Estados Unidos, nem na Conchinchina, mas na América Latina, no Brasil..." E assim podemos imaginar que Descartes faria a sua filosofia por estas bandas, desenvolvendo o seu "amor à sabedoria" brasileiroamente.

A partir desta presença imaginária de Descartes entre nós, vejamos a situação da filosofia no Brasil. De fato, o Brasil já se pode orgulhar de possuir uma plêiade de notáveis "filósofos": bons kantianos, heideggerianos, wittgensteinianos; medievalistas, existencialistas, marxianos; analíticos e lógicos; hegelianos e idealistas. Acadêmicos que com admirável dedicação pesquisam durante dezenas de anos para descobrir o que alguém outro pensou, em outros tempos, em outras regiões, em outras culturas, que mal conhecemos.

Procurar conhecer o que os sábios, em todos os tempos, em qualquer parte do mundo, pensaram, sem dúvida, faz parte de nossa ilustração. E todo filósofo deve ser ao máximo ilustrado. Mas ilustração ainda não é filosofia, nem objetivo final de qualquer educação. Se agora perguntamos: que método se propõe hoje para a atividade filosófica no Brasil. Sem sombra de dúvida, podemos afirmar que o incentivo à filosofia no Brasil de hoje está ideológica e economicamente nas mãos dos "filósofos" comentaristas, muito bem ilustrados. São estes que, no momento, têm o poder econômico e acadêmico da "filosofia brasileira" nas mãos, e conseguem tolher a criatividade daqueles que querem dar um salto na direção de um "amor à sabedoria", a partir de nossa realidade: nada de filosofia latino-americana, nada de filosofia brasileira, nada de original no Nordeste, ou em qualquer outra região do país...

E desta forma a nossa filosofia continua periférica, colonialista, alienada da realidade crucial do povo brasileiro. Penso que no Brasil, fazer filosofia como puro gozo intelectual, é crime. Dizia Epicuro que, se a filosofia não é capaz de contribuir em nada para a eudaimonia das pessoas, melhor que ela não existisse. Por enquanto, nossa filosofia se caracteriza por uma filosofia de comentários a filósofos de outros tempos e de outras culturas.

Penso que a filosofia no Brasil, neste limiar de milênio, teria uma ótima oportunidade de saltar da categoria de "filosofia comentarista" para uma "filosofia criativa". Mas, pelos sinais dos tempos, no momento, não me parece dever ser otimista. Pelo contrário, o caminho das pedras para uma adequada maneira do fazer filosófico no Brasil ainda é longo e acidentado.